



Revelação:
Descobertas instituições
particulares que
defraudam o IARN

(pág. 24)

As Forças Armadas novamente em grande plano

Ministros da República nas Ilhas



HA exactamente oito dias, na altura em que ultimavamos o número da passada semana, o capitão Tomás Rosa era a figura indigitada para vir a ocupar a pasta de ministro da República no arquipélago da Madeira.

A notícia que então deu e que encheu de júbilo os madeirenses — um nosso redactor encontrava-se no Funchal e teve ocasião de assistir aos comentários favoráveis que foram feitos à personalidade do antigo ministro do Trabalho — não veio, no entanto, a concretizar-se. Uma decisão de última hora parece ter reindicado o capitão Tomás Rosa para a presidência da televisão (o que ainda não se verificou) e a nossa notícia, embora com título na interrogativa, não se chegou a confirmar.

O coronel Lino Dias Miguel será o novo ministro da República na Madeira, como o general Octávio Galvão de Figueiredo ocupará idêntico lugar em relação ao arquipélago açoreano.

(pág. 13)

Vasco Lourenço governador militar de Lisboa



A AUSÊNCIA, na passada terça-feira, do chefe do Estado Maior da Força Aérea, general Moraes e Silva e dos conselheiros da Revolução, do mesmo ramo das Forças Armadas, general Pinho Freire, tenente coronel Costa Neves e major Canto e Castro, à cerimónia de posse do novo general Vasco Lourenço, no cargo de governador militar de Lisboa, constitui motivo de certo alarme e foi notoriamente assinalado pelos órgãos de Informação.

Procurando contactar com o EMFA para conhecer as razões de fundo ou a possível coincidência que motivou o não aparecimento dos oficiais da Força Aérea, foi-nos comunicado pelo tenente Batista da 2.ª Divisão que "só podemos dizer o que nos dizem para dizer". Ou seja, nada!

Mantem-se, por isso, a dúvida e ninguém parece estar preocupado em esclarecer a opinião pública. O que é, efectivamente, lastimável.

(pág. 13)

Altino de Magalhães em entrevista exclusiva



O PRESIDENTE da Junta Governativa dos Açores, em vias de acabar o seu mandato, tendo-se deslocado a Lisboa para um encontro com o general Galvão de Figueiredo, novo ministro da República, concedeu-nos uma entrevista em exclusivo à sua chegada, na passada quarta-feira, ao aeroporto de Lisboa.

Revelou-nos o mesmo oficial que tencionava permanecer mais quinze dias no arquipélago, pois só no final do mês será dada posse aos novos ministros da República.

(pág. 12)

Neves Cardoso novo comandante da PSP



JOSÉ João Neves Cardoso, promovido a general em Junho de 1976, acabou o curso de Artilharia, em 1943, na Escola do Exército. Serviu várias unidades tendo comandado o R.A.L. 1 (Ralis) e foi professor no Instituto de Altos Estudos Militares. Cumpriu várias comissões no Ultramar, tendo recebido a medalha de ouro de Serviços Distintos, com palma, pela acção desenvolvida no comando operacional dum sector da Guiné. Após o 25 de Abril, o general Neves Cardoso exerceu o cargo de comandante-geral da P.S.P. até 27 de Março de 1975.

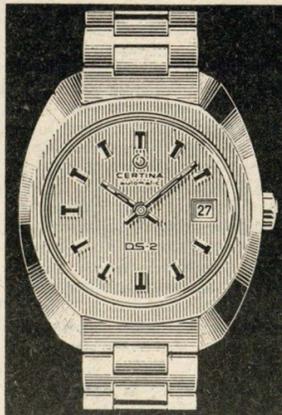
E a incógnita persiste

Quais serão as
novas nomeações

- Governadores militares do Centro e Sul
- Vice-chefe do EME
- Novos conselheiros da Revolução



Certina-DS o relógio mais forte do mundo



Procura um relógio em que possa confiar em todas as circunstâncias? Visite um Agente Certina e ele lho revelará: o incomparável Certina-DS.

Certina-DS resiste a choques que nenhum outro relógio poderia suportar. A sua «máquina flutuante» — revolucionário sistema de protecção — assegura precisão e resistência notavelmente superiores às normas usuais de controlo.

Certina-DS uma revelação em elegância, precisão e resistência.

corda manual · corda automática
electrónico C-Tronic · electrónico Quartzo

CERTINA

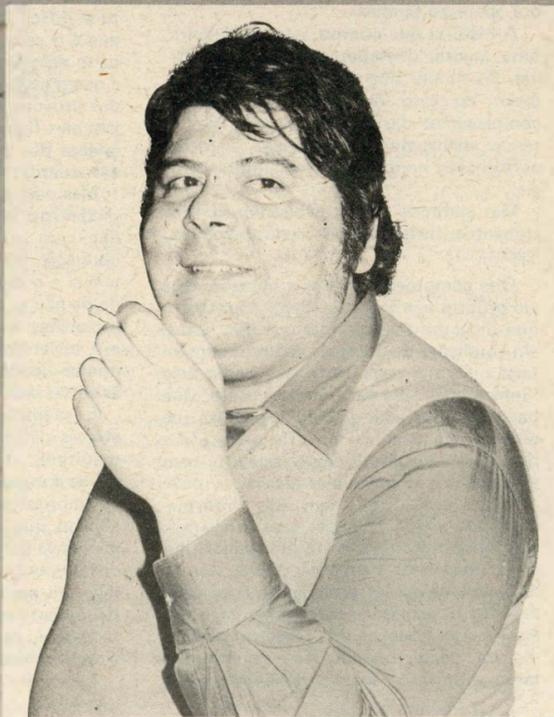
«Revolucionários» que eu conheci

A SÉRIE de artigos, da autoria de Vera Lagoa, que começamos a publicar há três números — e que terão seguimento durante várias semanas —, denominados «Revolucionários» que eu conheci, têm obtido um êxito espectacular, como de resto já se esperava.

A experiência vivida pela autora, no seu longo período de luta antifascista que desenvolveu desde a sua juventude, os contactos tidos durante muitos anos com várias (e muitos delas autênticas) figuras que tudo dedicaram à causa democrática, as vicissitudes de que foi vítima ela própria na altura em que apenas um escasso número de pessoas tinham a coragem de actuar positivamente contra o regime ditatorial, a sua acção como secretária do general Humberto Delgado no período crítico da candidatura do «general sem medo», tudo isso lhe grangeou uma experiência e uma autoridade que lhe permitem insurgir-se agora contra os pseudo-revolucionários, os oportunistas e os demagogos «progressistas» do 26 de Abril.

Porque, no que se refere aos autênticos democratas de sempre, Vera Lagoa — que sabe distinguir o verdadeiro do apócrifo — não os incluirá nunca nesta galeria triste da história da Revolução Portuguesa.

(pág. 7)



«Revolucionários» que eu conheci

Brevíssima história de um oportunista com talento

CORTA-SE-ME o coração de a contar. Corta-se-me o coração de vir falar (não como queria) dum amigo. Que o foi. Que o foi até há muito pouco tempo.

Não deixei de o considerar amigo por ele ter assinado um documento (o célebre documento Rogério Paulo) contra mim, chamando-me reaccionária. O homem em questão, aquele a que chamarei "o oportunista", sabe que o é. Foi ele que o declarou. Mas a mim, insisto, custa-me vir contar-lhe a história. Não foi por isso que aqui estou a escrever sobre ele. Foi por um imperativo de consciência. A minha admiração pelo seu talento persiste. Mas quando comecei esta série de artigos, foi, como já tenho dito, com o objectivo de esclarecer os meus leitores (e não só...) sobre a vida aventureira de certos políticos de hoje, estranhamente quase todos filiados no PC.

Trata-se (tu sabes o que me custa Zé Carlos de José Carlos Ary dos Santos, que, esse, não sei se é filiado no PC ou não. Parece (ou pelo menos tudo leva a crer) que esse partido não aceite pessoas com certas tendências ou vícios, com os quais nada tenho. Mas tem o partido (pai ou mãe) de Moscovo. Quanto a mim o que é preciso é desmascarar os "revolucionários" de hoje.

Não será filiado, mas age como se o fosse. E, assim, sou forçada a vir contar que em Paris, neste mesmo ano de 1976, Ary dos Santos declarou a pessoas amigas: "Nunca ganhei tanto dinheiro como agora. Que querem? Sou um oportunista e não me importo de o dizer".

São estas as convicções políticas dum homem que não precisava de tomar certas atitudes, pois todos o conheciam antes do 25 de Abril (quando se abriram as portas...) e sabiam que ele era um artista irreverente. Um homem que não se acomodava. Um homem que escreveu a "Tourada", um libelo, uma troca do antigo regime, chacoteado e insultado por isso, por muitos dos que hoje marcham a seu lado. Porquê, Zé Carlos? Tu não precisavas disso, ou é, de facto, apenas por dinheiro? Quanto te pagam?

Continuemos. Teve o nosso poeta o descaramento de declarar na TV, (no dia da primeira Feira do Livro, após o 25 de Abril, quando se abriram as portas, Zé Carlos...) por alturas daquela marcha que os escritores fizeram até à FEIRA, que tinha sido preso pela PIDE! Como foi possível confundir a PIDE com a Polícia de Costumes que, de facto, o prendeu, quando, no Terreiro

do Paço, "falava despreocupadamente com um cidadão alemão!"

Foi na verdade chamado à PIDE, para ser o...vidu num inquérito a propósito duma sessão cultural, mas na mesma PIDE esteve apenas alguns momentos.

O ZELO DO TRABALHADOR

Sempre que o zeloso comunista queria faltar ao trabalho, o que acontecia frequentemente, telefonava para as empresas que o empregavam, dizendo que não podia ir porque lhe estavam a "passar busca à casa". Escusado será dizer que nunca houve buscas a sua casa, porque, se as tivesse havido, muito teriam encontrado. Claro que não me refiro a matéria política. "A bon entendeur..."

Ao morrer-lhe a avó que lhe teria deixado cerca de mil contos (conforme ele dizia), esse dinheiro foi gasto em perto de um ano com uma longa estadia no hotel Flórida, à qual se seguiu a mudança das águas furtadas da Rua do Alecrim onde morou um certo tempo, para a Rua da Saudade. Foi aí que o seu gosto pelo luxo se pôde expandir, pois até mandou forrar as paredes de damasco vermelho. Manta de peles de raposa, etc. Festas que, no dizer dos amigos (fui amiga e continue a admirá-lo, mas nunca lá fui), pareciam de S. Peter sburgo. "Champagne", caviar, etc., etc...

Essas festas fastuosas não estão de acordo, penso eu, com a forma de viver dum militante comunista a quem se abriram as portas de Abril. E o luxuoso mobiliário? Parece que as Galerias Vitória terão uma palavra a dizer sobre



fornecimentos ainda não liquidados...

Nessas festas era muito notada a presença de conhecidos capitalistas e de outros que o não eram mas que estavam, sim, ligados ao regime de posto. Ayala, Oliveira Martins (TV), Fernanda de Castro (a quem Ary chama tia). E fico-me por aqui no que respeita a festas. Não serão hábitos reaccionários?

Afinal, não me fico por aqui. Porque, devido às festas permanentes, quando o poeta se mudou para a Rua da Saudade, deixou um "calote" na mercearia, ali à esquina do Camões. Se minto, desmintam-me. Quando o dono da loja tentava (tentou durante muito tempo e desistiu) cobrar, era insultado e corrido pelas escadas abaixo.

AMOR ÀS MASSAS POPULARES

Na casa da rua do Alecrim, por baixo, era e é a Sociedade Portuguesa de Naturologia. A noite e dormia ali uma pobre mulher, encarregada da guarda,

que andava louca de desespero com as festas que não a deixavam repousar. Ao protestar, foi ameaçada pelo amigo dos trabalhadores de "ser corrida a pontapé pelas escadas abaixo". Mais: "se quiser vá para uma "pensão" ou então eu faço queixa à polícia, porque isto aqui não é residência".

A DEDICATÓRIA

Quando Ary dos Santos ganhou o Festival da Canção, deu uma entrevista à Rádio da Guiné, na qual dedicou a sua vitória às tropas que ali combatiam, designadamente a "alguém" que ele diz ser seu irmão e estar algures no mato. Como se sabe, com a morte de Diogo, Zé Carlos ficou sem irmãos.

Que dirá agora o "revolucionário" sobre a dedicatória às tropas que faziam a guerra colonial? Ary é capaz de ser convidado pela Guiné independente. Sabe-se lá!

OS DETERMINADOS SERVIÇOS

Bem. Quando o poeta estava sem dinheiro (depois das portas se abrirem em Abril, isso não tornou a acontecer) telefonava ao Ayala Monteiro, e pedia-lhe "quinzentos paus por determinados serviços".

O PIOR ESTÁ PARA VIR

O pior, para um "revolucionário" dito pécépista é aquela tendência que o nosso Ary tinha (não sei se ainda tem) pelos ordenados dos outros. Vejamos. Lembra-te, Zé Carlos, daquela vez, na Costa de Caparica, em casa do Marcelo (nada a ver com o "outro"), em que tu tiveste de confessar ao Alberto Gonçalves que lhe tinhas roubado o ordenado? Na versão de alguns dos teus amigos, dedicavas-te ao "gamação". A expressão não é minha, como deves calcular. E mais. Mas não digo. Porque acho horrível. E o ordenado do Fernando Athayde? Como vês, meu grande poeta, sei muito. E calo muito. Dizem eles (os teus amigos) que pretendias imitar o Genet. E daquele empregado de cabeleireiro, na praça da Figueira, que também ficou sem ordenado? Roubar o

ordenado dum trabalhador?

Antes de terminar este capítulo do "gamação", o pior de facto, é estarem as pessoas convencidas de que foste tu que fizeste desaparecer o "poudrier" de ouro da tua amiga Olga Sain. Ela não acredita. Eu também não. Mas os teus companheiros de festas afirmam que sim.

CLARO QUE...

Claro que tudo isto se passava em tempo de pobreza (o "poudrier" Olga já foi em tempo de empresa de publicidade, portanto em tempos áureos). Coitado, compreende-se que te queiras desforrar dos tempos em que pedias os sapatos emprestados. Mas roubar, Zé Carlos? Isso é muito feio!

A PUBLICIDADE

Nesse campo, que não me parece ser revolucionário, ganhaste tu, Ary, muito dinheiro. Adiante.

E AS 'MISSES'?

Se sou censurada e acusada de reaccionária por trabalhar num concurso de beleza, quando redactora do "Diário Popular", será que tu enjeitas o poema que me ofereceste para eu pôr no programa do referido concurso? Eu sou reaccionária,

bem sei. Mas tu, um puro "revolucionário" a quem se abriram as portas de Abril?

FLASHES

— Falarás tu agora ao teu amigo António Carlos Champalimaud?

— Quando, com gente de alta sociedade, intitulas-te barão de Pina Manique, quando com outros amigos mais "populares" dizes-te "cigano".

— É a tua passagem pelo directista Teatro de Câmara António Ferro? Até escreveste uma peça "O azul existe", para o Festival do SNI em Silves...

Pronto. Estou cansada. Faz calor. Estou em férias e tenho de mexer em sujidade. Aqui onde estou, de facto "o azul existe".

Mas não quero terminar sem te dizer o que um amigo teu, me disse: "Só falta o Zé Carlos mandar bordar a oiro a foíce e o martelo nos cortinados de veludo da sua casa". Ve'udo? E damasco nas paredes? O que vale (e os teus amigos do PC devem perdoar-te o luxo) é que tanto o veludo como o damasco são vermelhos.

O "vermelho existe", meu poeta. É verdade. Só é pena que, para ti, tenha existido só agora. Boa tarde.

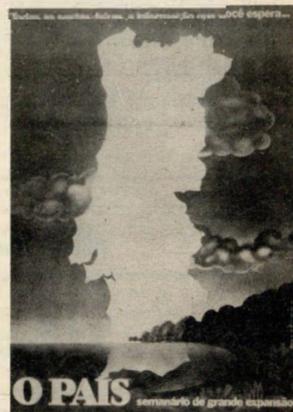
Vera Lagoa

Um «poster» do nosso jornal

DISTRIBUÍMOS por todos os pontos de venda espalhados de Norte a Sul, assim como pela Madeira e Açores, um "poster" publicitário do nosso Jornal, impresso a várias cores, que, para além da difusão de "O País", representa um trabalho gráfico de muita qualidade e foi feito sob desenho original, de grande expressão artística, da autoria do nosso gráfico e professor da Escola António Arroio, Carlos Baeta Fernandes.

A sua colocação, em locais bem visíveis, junto às bancadas de venda de publicações, dará uma nota de frescura e bom gosto e contribuirá para prestar um toque artístico nos locais onde for afixado este "poster".

Os agentes de "O País" que, por ventura, não tenham recebido, juntamente com os jornais, um ou mais exemplares



deste excelente trabalho, poderão pedi-lo aos distribuidores, DIG — Rua das Chagas, 2 Lisboa, que os enviará gratuitamente.

Inquérito da semana

Que pensa da libertação dos «pides»?

- Que pensa da libertação dos "pides"?
- Em sua opinião, a que atribui o facto de, até à data, não terem sido julgados?
- Dizem que, após o 25 de Abril, foram praticadas atrocidades em presos, segundo o mesmo estilo "pidesco". Deverão os seus responsáveis e executantes também ser julgados?



Francisco da Encarnação
28 anos
Funcionário Público

— Não deviam ser libertados sem que primeiro fossem julgados.

— A "máquina" judicial parece que não funciona, como, aliás, já acontecia antigamente.

— Se cometeram infracções devem de ser julgados, mas não me parece que haja possível comparação com as atrocidades que a Pide fazia.



José Augusto Marques
28 anos
trabalhador da Carris

— Os principais responsáveis deveriam continuar presos.

— O grande responsável de não serem julgados foi o VI Governo e, agora, este.

— Se forem apuradas responsabilidades que sejam julgados os prevaricadores.



António Manuel Fernandes de Sá
34 anos
empregado na indústria hoteleira

— Primeiro seriam julgados e depois libertados.

— Penso que há outras coisas para se resolverem, bem mais importantes, por isso o atraso.

— Se for provado que cometeram atrocidades, penso que devem ser julgados como os "pides" o deverão ser.



Ana Botelho
23 anos
conselheira de estética

— Os mais destacados devem de ficar presos, até julgamento, os de menos culpa penso que não.

— Parece que os que foram libertados o foram ao abrigo da Legislação.

— Não tenho ideia formada sobre isso. Não me posso pronunciar com propriedade.



Manuel Graça
73 anos
industrial

— Acho bem. Mas os que o merecerem devem ser julgados.

— A Justiça parece que está "perra". Devia de andar mais rápido. Por isso o não terem sido julgados.

— Também deviam de ser presos e julgados. Caso contrário ninguém se entende...



Inácio Mateus Cabrita dos Santos
35 anos
Industrial

— O s de maior responsabilidade não devem ser libertados, os outros, como os simples funcionários, penso que sim.

— É um problema do Conselho da Revolução. Ou serão alguns militares que têm medo que eles sejam julgados?

— Se cometeram crimes como os "pides", deverão ser julgados e presos, como eles.

AS LIBERTAÇÕES de alguns responsáveis e agentes da PIDE-DGS têm provocado as mais variadas opiniões, tanto a nível partidário como popular. Enquanto uns defendem que se trata de cidadãos como quaisquer outros, sujeitos à Lei que nos rege a todos nós, há quem advogue que deverão ser tratados, não como um vulgar prevaricador, mas sim como um bando de malfetores, ao abrigo de leis especiais. Para saber a opinião de meia dúzia de pessoas, escolhemos este tema para o «inquérito da semana», propondo as seguintes perguntas: